



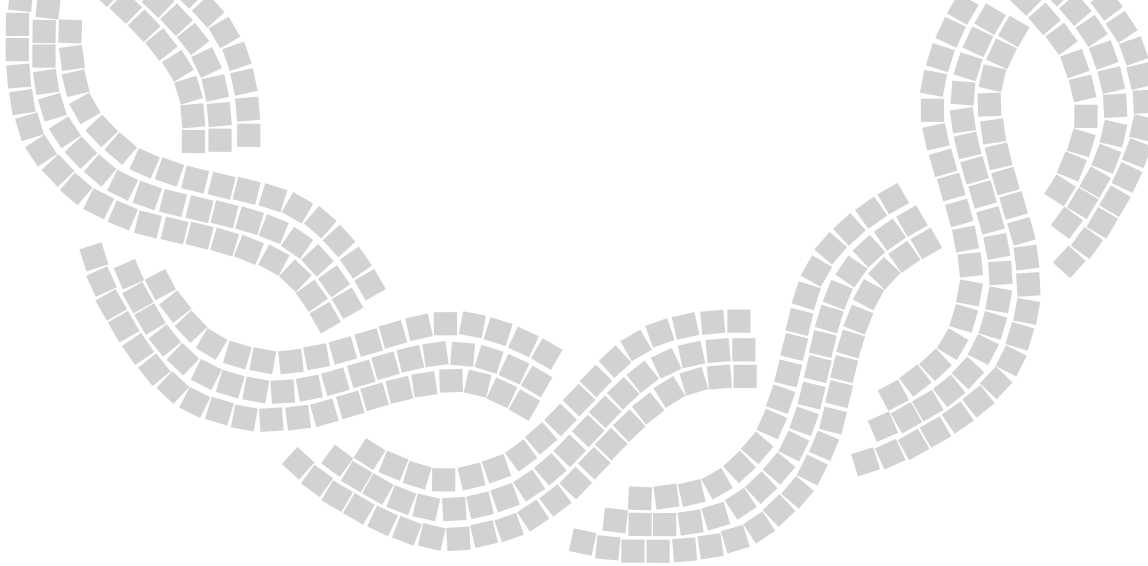
VILLAE ROMANAS

INVESTIGAÇÃO E INOVAÇÃO

THE ROMAN VILLAE | RESEARCH AND INNOVATION

CASCAIS

Tudo começa nas pessoas



FICHA TÉCNICA

Edição

Câmara Municipal de Cascais ©
Departamento de Inovação e Comunicação
Divisão de Arquivos, Bibliotecas e Património Histórico

Título

Villae Romanas - Investigação e Inovação

Coordenador da edição

José d'Encarnação

Conselho científico

José d'Encarnação
Guilherme Cardoso
Maria Mota Almeida

Design gráfico

Pedro Gonçalves e Sara Gonçalves

ISBN

978-972-637-306-3

Cascais, Julho de 2020

ÍNDICE

CONTENTS

- 04** **Introdução**
José d'Encarnação, Guilherme Cardoso
Maria Mota Almeida
- 08** **Villae Romanas**
José d'Encarnação
- 18** **Las Villas Romanas de los Territorios de Emerita y Regina y su relación con los Centros de Poder**
F. Germán Rodríguez Martín
- 22** **O Turismo e o Património Cultural – desafios contemporâneos**
Maria Mota Almeida
- 28** **Comment ont disparu les villas gallo-romaines d'Aquitaine (Ve-VIe siècles)**
Jean-Pierre Bost
- 44** **Los mosaicos en las villae hispanas. El caso de Fuente Álamo (Puente Genil, Córdoba)**
Luz Neira
- 62** **La villa romana de La Olmeda: de la munificencia privada (1968-1980) a la administración pública (1980-2018)**
José Manuel Iglesias Gil
- 74** **Roman Bath: An international visitor destination**
Tony Crouch
- 84** **El Patrimonio Arqueológico como agente de dinamización en ámbito rural: El conjunto arqueológico Villa Romana de Fuente Álamo (Puente Genil, Córdoba)**
Desiderio Vaquerizo Gil
- 120** **Les villas de campagnes en Afrique proconsulaire: apport historique et patrimonial**
Ridha Ghaddhab
- 142** **Alindar ou reinventar sítios arqueológicos para turistas ver?**
Luís Raposo
- 146** **Tecnologías presentes en Historias Pasadas. 20 años haciendo visible la Villa de el Saucedo**
Gonzalo García Vegas
- 158** **Estratégias e serviços de promoção turística do património cultural: a experiência da Time Travellers**
Inês Ribeiro, Raquel Policarpo
- 162** **Valorização de sítios arqueológicos em Portugal**
Pedro Sobral de Carvalho
- 164** **Roman Villas and Domus**
Emanuel Demetrescu, Daniele Ferdani, Alfonsina Pagano, Eva Pietroni
- 186** **O livro de Guilherme Cardoso sobre a villa romana de Freiria**
José d'Encarnação
- 190** **Os autores [currículos]**



VILLAE ROMANAS

THE ROMAN *VILLAE*

José d'Encarnação

Associação Cultural de Cascais

jde@fl.uc.pt

SÍNTESE

Como normal introdução a um volume onde os mais conceituados especialistas versam aspectos específicos da investigação em curso sobre as *villae* romanas, cumpre apenas traçar uma panorâmica sobre os elementos em que esta pesquisa se desenvolveu até ao momento e que outras perspectivas agora se colocam.

Por exemplo:

1. Como se identifica uma *villa*? Que a pode distinguir de um 'casal' ou de um *vicus*?
2. A continuidade humana num espaço de excepção
3. Que significado político pode atribuir-se à criação de *villae*?
4. Que papel económico desempenharam as *villae*?
5. A *villa* versus *agrum* et versus *urbem*
6. A *villa*, pólo cultural.

1. IDENTIFICAÇÃO

A primeira grande questão que se coloca ao arqueólogo quando, no campo, se depara com estruturas edificadas (restos de muros, argamassas, pedras

alinhadas, pavimentos...) ou materiais isolados (cacos de vasilhame, telhas, tijolos...) é a de proceder a uma identificação do sítio, inclusive para melhor planejar a estratégia de abordagem do próprio terreno.

Claro, a experiência adquirida permitir-lhe-á, com alguma facilidade, atribuir vestígios à época romana, sobretudo se encontrar restos de *opus signinum*, tesselas e mosaicos, cerâmica *sigillata*... Já a cerâmica comum, dadas as suas características de uso diário conforme às necessidades, detém formas que persistem durante milénios. Um púcaro de barro do nosso artesanato, um jarro ou uma bilha podem diferir pouco, na sua forma, dos que se utilizaram com idênticas funções na Idade do Ferro e na época romana ou, mesmo, no longo período medieval.

A atribuição a uma época pode, na verdade, não ser tão problemática, porque – embora se tenha, há muito, abandonado a teoria do «fóssil indicador», considerado típico de determinada 'cultura' – o certo é que subsistem elementos característicos passíveis de não nos ludibriar. No caso das *villae*, porém,

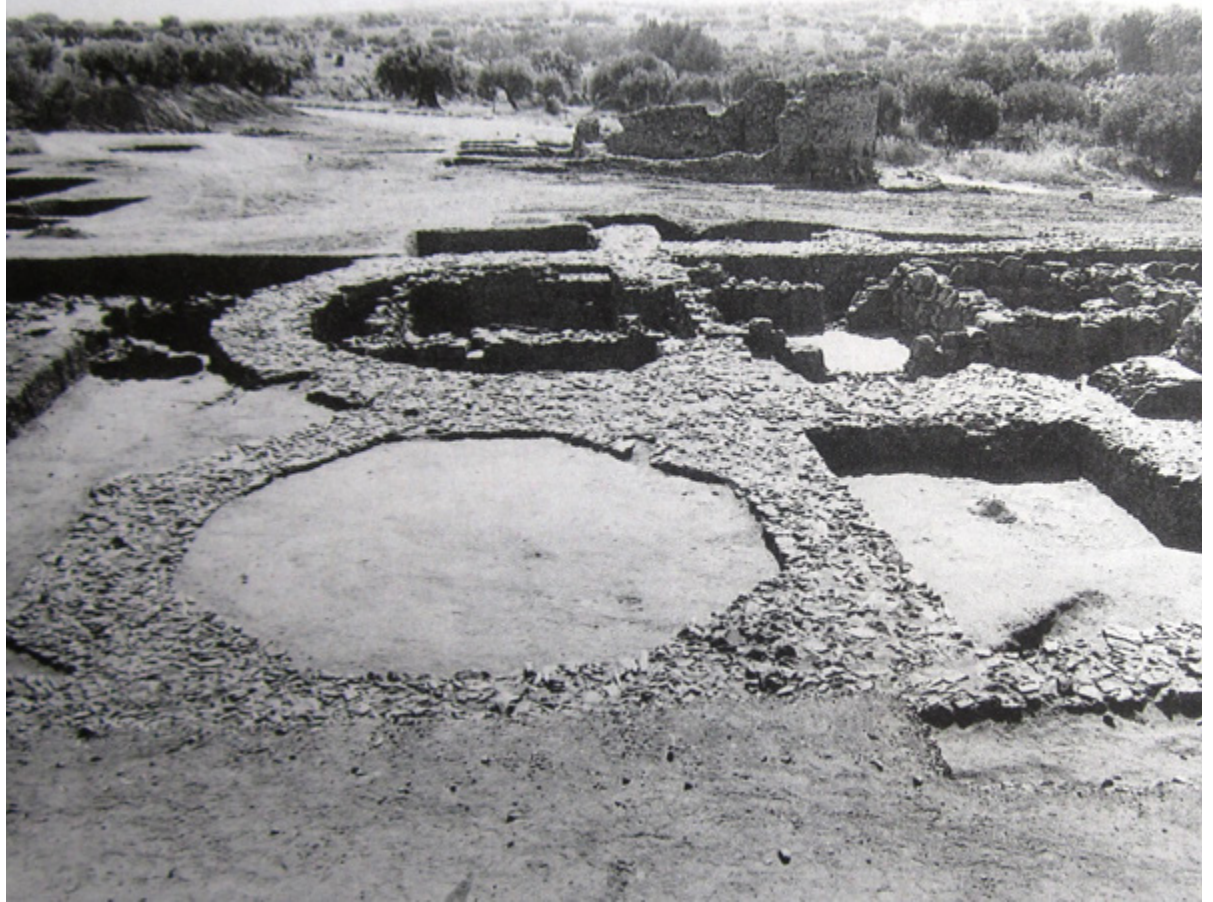


Fig. 1 – As termas inacabadas da *villa* de S. Cucufate.

as dúvidas surgem de vez em quando, quer devido à extensão dos vestígios quer por se não haverem destrinchado com clareza aqueles dados mais sintomáticos.

Durante bastante tempo, o achamento de tesselas implicava, *ipso facto*, a ideia de que se estava perante uma *villa*, porquanto eram os compartimentos das *villae* que se pavimentavam com mosaicos. Chegou-se depois à conclusão que essa relação não era inteiramente válida e, por esse motivo, a outros dados se teve de lançar mão, como a identificação dos elementos constitutivos de uma *villa*, encarando-a como residência de um proprietário rural, que, além da sua *domus*, se teria interessado em rodear-se das estruturas afectas à ruralidade: o celeiro, o lagar, a *pars rustica*, enfim.

Não estamos a falar das *villae* urbanas, de que há eco também nos textos literários, porque essas mostram características de sumptuosidade alheias às *villae* edificadas em área provincial e rural.

Daí que as dúvidas surjam: é *villa* ou será *vicus*? É *villa* ou será casal?

O *vicus* detém, sem dúvida, uma conotação política, bem patente no facto de encontrarmos – de modo especial no território da Lusitânia romana – dedicatórias a Júpiter Óptimo Máximo feitas por *vicani*. Ao vocábulo está, de um modo geral, associado o etnónimo identificativo, o que equivale a dizer que, mediante essa dedicatória ao deus maior dos Romanos, os indígenas assim organizados, manifestam, por um lado, a sua adesão aos esquemas mentais romanos e, por outro, a sua vontade de serem considerados como entidade orgânica, a respeitar. Assim, quando as estruturas encontradas apontam para alguma dispersão urbanística, a denotar aglomerado populacional, ainda que não extenso, há propensão para as considerar identificativas de um *vicus*, mormente se, no local, se encontrou uma ara a Júpiter.

A noção de ‘casal’, que o Professor Jorge de Alarcão acalentou – e julgo não estar longe da verdade se afirmar que também devido aos achados ocorridos nos arredores da *villa* de São Cucufate (*Conventus Pacensis*) –, prende-se com o achado de estruturas habitacionais, várias, próximas, a denun-



Fig. 2 - Estruturas do pavimento do celeiro de Freiria.

ciar um conjunto de famílias sem uma organização específica, a não ser, quiçá, a familiar, mas sem o carácter sistemático de uma *villa*. Ocorre-me, a esse propósito, a comparação com o Casal de Pianos, na região de Sintra, típico casal saloio, em meio de uma propriedade agrícola, com as dependências habituais para a agricultura e cujo proprietário o ia acrescentando, à medida que a família aumentava, para que todos ali pudessem viver. Tem semelhanças, pois, com o que, no tempo dos Romanos, seria uma *villa*, com a diferença de que o casal saloio teria uma estruturação menos organizada.

2. LOCALIZAÇÃO

Em todos os tempos, os livros didáticos surgem para esclarecer dúvidas nascentes. Assim, creio eu, devemos encarar o que Catão (324-149 a. C.) e Columela (4-70 d. C.) escreveram nos seus tratados. Quer por força da política central quer devido às necessidades circunstanciais, o apelo dos campos, da agricultura, fez-se sentir na sua época e tornou-se necessário responder às questões práticas postas pelos recém-chegados, a primeira das quais se prendia com a localização: onde é que eu vou fixar-me?

Pensamos que essa pergunta terá feito *Titus Curvatus Rufinus* antes de se instalar em Freiria e a

resposta obtida determinou gratidão ao génio protector do local, *Triborunis*. E, nesse aspecto, a *villa* romana de Freiria pode constituir, de facto, bom exemplo: havia água por perto, um ribeiro de caudal permanente e potável; um clima ameno e arejado; um local soalheiro; solo fértil... Condições, pois, de superior habitabilidade.

3. CONTINUIDADE OCUPACIONAL

O que ora se acaba de referir permite-nos perguntar: um local apetitoso para os Romanos recém-chegados? Nesse caso, não houve um 'antes' e um 'depois'?

Em Freiria - e também em S. Cucufate, para referir as *villae* que melhor conheço - houve. Uma clara ocupação na época a que corresponde o que se tem designado (por comodidade) «cultura campaniforme», da transição para a Idade do Ferro, de que também aí se encontraram evidentes testemunhos, tal como em São Cucufate.

Obviamente, lugares assim não poderiam ser abandonados após a 'partida' dos Romanos - se é que de tal modo simplista se pode falar... A dificuldade em distinguir quer os níveis ocupacionais pós-romanos quer, de modo especial, a cerâmica que lhes era contemporânea foi, durante anos, escolho que não se lograva ultrapassar. Já se ultrapassou, mediante

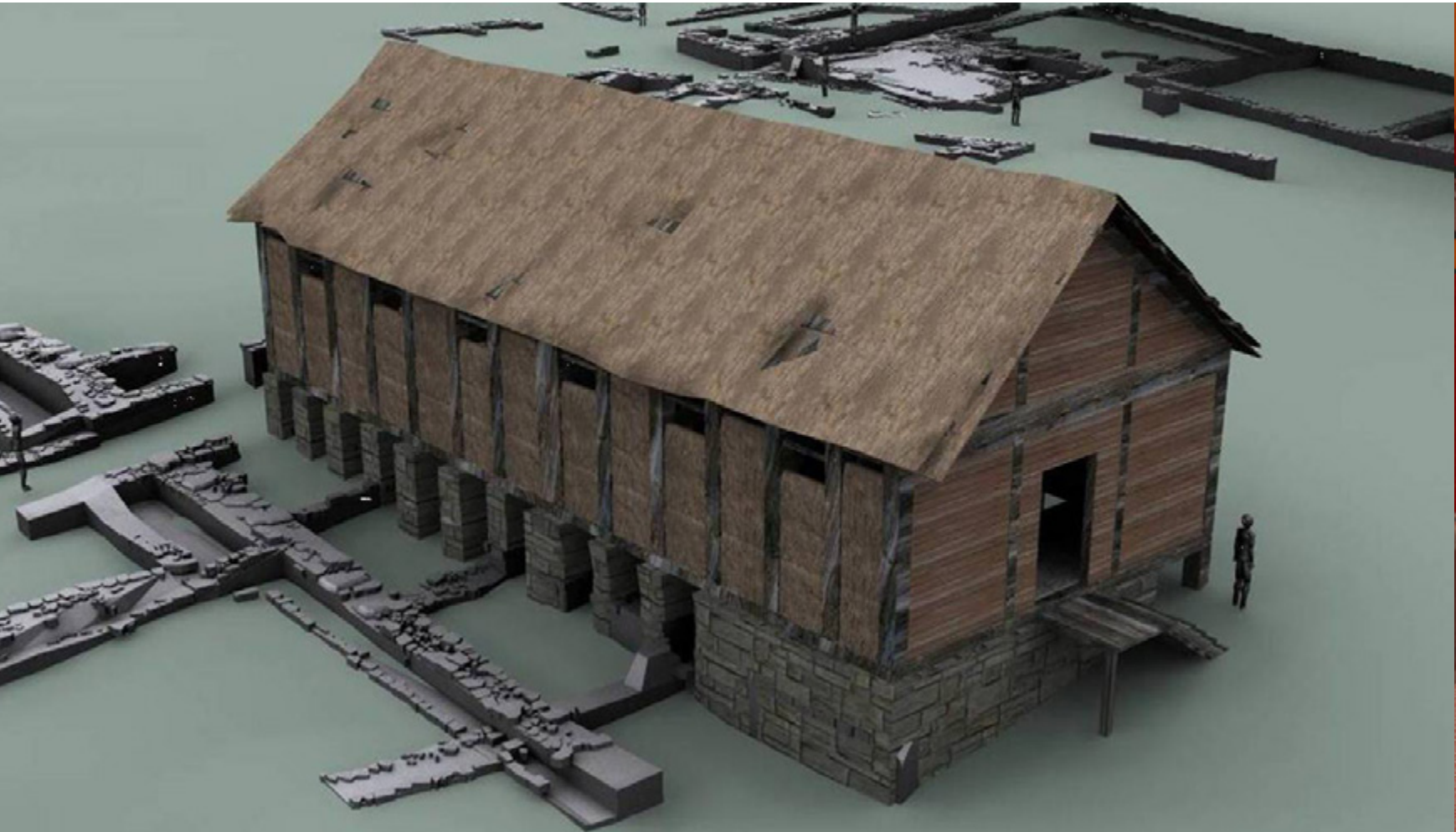


Fig. 3 - Uma reconstituição gráfica do celeiro de Freiria.

melhor observação de pastas e de formas e mais adequado relacionamento com os níveis de ocupação. E, hoje, não será errado afirmar que, na generalidade das *villae*, se verifica uma permanência; doutra forma se não entenderia, por exemplo, o facto de, no interior das dependências do lagar de Freiria, se haverem encontrado, em telhões, inumações de crianças recém-nascidas. O lagar deixara de funcionar mas do seu espaço ainda se evolava um sentimento de continuidade, de tradição, de respeito... E não foram as monumentais estruturas arquitectónicas do piso térreo da *villa* de S. Cucufate aproveitadas - e bem! - por uma comunidade monástica? Pelo antigo chão romano se espalharam sepulturas de cristãos... E não temos, em Torre de Palma - e noutros locais - 'basílicas' e baptistérios cristãos?

Em suma: é aliciante o estudo da *villa* romana; mas os investigadores actuais não deixam de atentar no «antes» e no «depois».

4. OTIUM

Uma vez que, no território lusitano e noutros, as *villae* se localizam em torno das cidades, a nossa mentalidade da segunda metade do século XX e já do século XXI também, levou-nos a uma transposição, quiçá arbitraria e anacrónica, porquanto o fim-de-semana fora é 'invenção' actual. Nada haveria de equivalente na época romana?

Confesso que - apercebendo-me das ricas *villae* de Cícero e mesmo (perdoar-se-me-á) do palácio de Diocleciano em Split, na actual Croácia - não desdenharia afirmar que uma primordial intenção de *otium* haja presidido à implantação das *villae*.

O achamento de inúmeros alfinetes de cabelo e de pedras de anel decoradas com motivos mitológicos podem ser sintomas de que os cuidados com a beleza não seriam postos de parte, do que nos é legítimo deduzir que se enquadra bem numa atmosfera de bem-estar.



Fig. 4 - Reconstituição do triclinium da villa de Milreu.

Não faltavam também os requintes das termas. Em Freiria, além das mais pequenas junto à *domus*, pensou-se, a dado momento, em construir umas maiores, mais perto do ribeiro, em cujo leito se chegou a erguer o tanque do *frigidarium*. Para aquecer, porém, a ampla zona do *caldarium*, muita lenha se requeria, está bem de ver, e depressa o projecto se terá desvanecido.

Mais sintomático nesse sentido é o que se passou na villa de S. Cucufate: também aí o proprietário sonhou em grande! Umhas termas que eloquentemente documentassem, pela imponência das abóbadas, o seu elevado estatuto social e económico. Ainda se delineou no solo a implantação da grande sala central e o arranque das tinhas; mas... como se sustentaria a ampla cobertura e, sobretudo, quantos esterres de lenha não seriam precisos para manter a água a temperatura desejável? E o sonho teve de ser abandonado.

As termas, lugar de *otium* por excelência onde, naturalmente, o *negotium* não estava ausente!...

5. NEGOTIUM

De facto, com o decorrer dos tempos, mais bem observadas as circunstâncias locais, outro valor mais alto, ainda que não obrigatoriamente concorrente e impeditivo, terá surgido: o *negotium*.

Daí, em S. Cucufate, então (como hoje) terra de bom vinho, o vasto lagar, estrutura também presente noutras villae, como a de Torre de Palma (Monforte). Daí, em Freiria, o lagar de azeite, o celeiro de grandes dimensões, que, já se fizeram cálculos, não poderia ter sido apenas para acondicionar a produção do *dominus*, mas também as dos outros senhores derredor, sob a experiente administração do *vilicus*...

O *otium* e o *negotium* de mãos dadas...

6. AS DIVINDADES

Já se falou de *Triborunnis*. Noutras villae se identificaram altares a confirmar o carácter sagrado que era atribuído ao acto de se instalar num sítio necessa-



Fig. 5 - Alfinetes de cabelo. Freiria.

riamente protegido pelo Génio local. Recém-chegado, *Q. Sabinius Florus*, por exemplo, desconhecendo a identidade desse Génio, optou por o nomear assim, Génio, só, e utilizou o formulário habitual: *Genio v(otum) s(olvit) l(ibens) m(erito)* (HEpOL n.º 6946).

Por vezes, o eventual diálogo com os indígenas acabou por dar a entender aos recém-chegados que divindade era ali venerada. Foi o caso de *Triborunnis*, cujo nome surge grafado de forma não habitual (por comparação com *Trebaruna* ou *Trebaronna*, versões documentadas na actual Beira Baixa), devido à incompreensão do termo falado.

Na *villa* dos Pisões, perto da cidade de *Pax Iulia*, o escravo Catulo obsequiou a deusa *Salus*, pela saúde do seu senhor, *Gaius Atilius Cordus* (IRCP 290). Já em Ervedal (Avis), outro escravo, Trepto, manifesta à divindade dos mananciais (Fontana ou Fontano), em seu nome e no do seu *dominus*, Gaio Apuleio Silão, o maior reconhecimento por, devido à sua divina intercessão, ter atingido o abundante lençol de água de que tanto precisava: *ob aquas inventas* (IRCP 437). Na já citada *villa* de Torre de Palma, *Marcus Coelius Celsus* preferiu mandar es-

culpir na ara, em baixo-relevo, o deus Marte, armado de lança qual legionário; não seria para enfrentar uma guerra convencional, de armas na mão, porque, ali, os inimigos seriam outros, as pragas sazonais a pôr em risco, num ápice, o labor de um ano inteiro!...

7. OS MORTOS

Lugar para as delícias e afazeres dos vivos, as *villae* teriam também o lugar dos mortos.

Em Freiria, obedecendo, sem dúvida, à crença longamente partilhada gerações afora, o ribeiro dividiu claramente os dois sítios: o dos vivos e o da necrópole, com *ustrinum* ao lado. Sepulturas de inumação e sepulturas de incineração, sem que nos seja possível separar cronologicamente os dois rituais.

Em S. Cucufate, privilegiou-se a área imediatamente contígua ao edifício que, pelas suas características formais e localização isolada, se tem classificado de templo. Serão dos sucessivos proprietários da *villa* e dos seus familiares mais chegados os bem aparelhados túmulos que ali se detectaram?

Duas sugestivas placas, verosimilmente destinadas a encimarem entrada de mausoléu familiar, merecem, nesse aspecto, atenção, pela solenidade que delas se depreende, e por mencionarem, decerto, o nome do fundador das respectivas *villae* onde se encontraram: *Lucius Marius Caprarius*, filho de Lúcio, da tribo Papíria (IRCP 461), da actual Herdade da Granaria (Veiros, Estremoz), e *Caius Cosconius*, filho de Gaio, da tribo Galéria (HEpOL 20 841), de uma *villa* em Baleizão, no termo de *Pax Iulia*. Ambos fazem questão em se identificar como cidadãos: *Caprarius* inscrito na tribo da capital da Lusitânia, *Augusta Emerita*, e, seguramente, um dos colonos a quem foram entregues lotes de terreno; *Cosconius*, por seu turno, representante de uma das influentes famílias que, nos primórdios do século I, se instalaram na *colonia* de *Pax Iulia*, adscrita à tribo Galéria.

Da *villa* romana de Tourega, junto a *Ebora Liberalitas Iulia*, procede o mui significativo letreiro de um cenotáfio. Moralmente abatida pela perda dos entes queridos – o marido, aos 48 anos, e os dois filhos, um aos 21 e outro aos 20 – Calpúrnia Sabina manda gravar extensa memória em honra deles, porventura falecidos em Roma, no exercício das suas funções senatoriais. De facto, membros da *gens Iulia* – de que um dos ramos teve, obviamente, relação directa com a cidade – devem ter sido chamados a entrar para a carreira senatorial, em virtude, mui provavelmente, do relevo social e económico da família. Morreram os filhos quando estavam ainda no início do *cursus honorum* (ambos, quadrúviro encarregados da manutenção das vias) e o pai quando estava designado



Fig. 6 - Uma representação teatral nas ruínas de Freiria.

pretor, função que iria exercer no ano seguinte, aos 48 anos, quando o habitual seria aos 39.

8. A ARTE DE BEM RECEBER

Essa arte encontra-se patente nas lendas dos mosaicos e também, de certa maneira, na iconografia neles mostrada.

São de vários tipos, como se imagina, os textos, colocados em lugar estratégico da casa senhorial; e de índole diversa o seu conteúdo.

À primeira vista, o conhecido mosaico dos cavalos da *villa* de Torre de Palma poderá parecer intruso no âmbito do «bem receber»; creio, porém, que não, pois manifesta o orgulho do proprietário nos seus cavalos vencedores e tal será uma boa forma de incitar o hóspede a um elogio ou a uma boa troca de impressões acerca da criação de cavalos, dos hábitos da coudelaria, dos próximos concursos, das vitórias alcançadas ou dos revezes sofridos.

Também a norma *Scopra aspra tessellam ledere noli*, «Evita estragar o mosaico com uma vassoura dura», sob o friso das Musas, na mesma *villa*, recado dirigido, em princípio, aos criados da casa, consti-

tuirá prova de que há, da parte do *dominus*, o cuidado em tudo preservar, tanto mais que a frase termina pela expressão corrente «Uteri felix!», o voto de «Felicidades!», válido para os residentes e para os forasteiros, que é como quem diz: “Temos o maior cuidado em manter tudo como deve ser, para cabal satisfação de todos!”.

Enigmática no seu carácter bem sucinto, a legenda da chamada *Villa Cardílio*, em Torres Novas, traduz, na verdade, um sentimento de felicidade transmitida. Já está consensualmente aceite a tradução «Ó torre, tu serás feliz, enquanto viverem Cardílio e Avita!». Tem-se partido do princípio de que se está a fazer referência ao casal que erigiu a *domus* e o seu voto não deixa de ser engenhoso, por se imaginar o diálogo de quem chega com a *villa* personificada. E, ao afirmar-se que a própria *villa* gozará de felicidade enquanto os seus proprietários forem vivos, está-se, implicitamente, a augurar-lhes longa vida, para felicidade de todos!

Parece inadequada a cena de violência plasmada num dos mosaicos da *villa* de Santa Vitória do Ameixial, na medida em que ali se representa o do-

minus a vergastar uma escrava desnudada. Não se tem ousado, devido a estar demasiadamente truncada, propor interpretação para o pouco que resta das três linhas postas imediatamente por baixo da boca da escrava, dando a entender que seria frase dela o que aí se esconde. Creio bem que sim – e poderá ser desabafo, lamentação ou justificação plena. Não sabemos. Todavia, ao declarar-se que é assim Felicidade quando está escaldado (*Felicione misso*), pior do que um carroceiro (*peior est quam ut cirdalus*), não será declaração para se tomar à letra, a denunciar violência, mas a entender como preocupação de bem receber, com a água do *caldarium* à temperatura adequada!...

Na *villa* de Puente Genil (Cordoba), a cena – que é mesmo de uma cena teatral que se trata! – torna-se hilariante, porque se enquadra numa tradição dramática, que envolve a intervenção de anões, e servia, portanto, para divertir os convivas. De acordo com a minha interpretação, a mãe, adiante identificada como «esposa mamalhuda», perante a eminência de o marido ser bárbara e mortalmente atacado por feroz ave de rapina, grita para o filho:

– Ó filho, Gerião, ajuda-me!

De cacete na mão, o filho corre em auxílio do pai, na tentativa de matar a ave, o pai incita-o «Força, Gerbio!» e ele grita:

– Ó pai, sai daí!

Entretanto, a mãe, num alvoroço e de cabelos no ar, lamenta-se:

– Ai, que infelicidade a minha! Eu vou perder a cabeça!

Referia-se à iminente perda do marido.

Que melhor espectáculo se poderia oferecer para distrair os convivas?!

9. O FUTURO

Facilmente se compreenderá que, numa perspectiva de futuro, as *villae* romanas detêm um conjunto de ingredientes susceptíveis de interessar e de atrair a atenção mesmo aqueles que de História – e de História da Antiguidade Clássica – andam alheios, atendendo aos mais variados ensinamentos que nelas podemos colher.

Direi que, em primeiro lugar, o que interessa é: **publicar, publicar, publicar!**

Muitas *villae* já escavadas – na sua totalidade ou mesmo parcialmente – ainda não tiveram oportunidade de ver o seu estudo publicado, com a minúcia que se requer. Um estudo que não pode ser apenas da *villa* em si como estrutura arquitectónica mas também dos materiais nela exumados no decorrer das escavações.

Escusado será afirmar que o importante é que a publicação seja lida e que, por conseguinte, aos aspectos especificamente científicos (as cerâmicas, os artefactos de metal, as moedas...) venham ligados os de âmbito mais geral que sintetizem o particular significado dessa *villa* no conjunto dos vestígios romanos duma região.

Sobre Freiria se publicou uma monografia que procurou ser exaustiva em todos os domínios; sobre S. Cucufate, os dois volumes dados à estampa reúnem o que de mais importante, do ponto de vista histórico-arqueológico, sobre ela se deveria saber. Não hesitou, porém, o Professor Jorge Alarcão em, num texto em que o rigor científico brilhantemente se irmanou com o vernáculo recorte literário, contar ao grande público a história do ‘casarão’ e, também por isso, a *villa*, hoje, é sentida como parte integrante da história do lugar e muito benquista pela população.

A ruína não pode continuar a ser ruína. Apenas ruína. Morta. Há que dar-lhe vida. E, por tal motivo, depois de haver incitado à leitura – publica-se muito, mas pouco se lê – a palavra de ordem será: **valorizar, valorizar, valorizar!**

O recurso aos meios informáticos de que hoje largamente dispomos constitui, não há dúvida, o caminho a seguir. Fácil é, com os elementos disponíveis, fazer uma reconstituição virtual, eventualmente até em três dimensões, de um celeiro, um lagar, o *triclinium* de uma *domus*... Essa reconstituição se mostrará no Centro Interpretativo, à entrada da *villa*, ou, mediante uma aplicação no telemóvel, poderá estar disponível para o visitante no momento em que passe diante do celeiro ou das termas. Desta forma, inestéticas ruínas escassamente visíveis à flor do solo ganham outra dimensão e visibilidade e compreensão.

E se há que pugnar, a nível autárquico, para que o enquadramento urbanístico dessas ruínas almeje a sua valorização espacial, não é menos importante pensar em tornar a *villa* palco de iniciativas culturais (um concerto, uma representação teatral, por exemplo), que permitam à população residente (e não só!) ainda maior aproximação desse vestígio que lhe fará pensar na vida, porventura difícil, mas de certeza bem diferente, dos seus antepassados. Um elo de ligação que se reata!

BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA

ALARCÃO, Jorge de; ÉTIENNE, Robert; MAYET, Françoise, *Les villas romaines de S. Cucufate (Portugal)*. Paris: Diffusion E. de Boccard, 1990.

ALARCÃO, Jorge de, *S. Cucufate* [Roteiros da Arqueologia Portuguesa, 5], Lisboa: IPPAR, 1998.

CARDOSO, Guilherme, *Villa Romana de Freiria - Estudo Arqueológico*. Cascais: Câmara Municipal, 2018.

CARDOSO, Guilherme e ENCARNANÇA, José d', «Notas sobre a ocupação proto-histórica na villa romana de Freiria», *Revista de Guimarães*, volume especial 2 (Actas do Congresso de Proto-História Europeia), Guimarães, 2000, 741-757. <http://hdl.handle.net/10316/13559>

CARDOSO, Guilherme e ENCARNANÇA, José d', «O povoamento pré-romano de Freiria - Cascais», *Cira Arqueologia Online*, n.º 2, Setembro de 2013, p. 133-180. <http://hdl.handle.net/10316/24204>

CARDOSO (João Luís), CARDOSO (Guilherme) e ENCARNANÇA (José d'), «O campaniforme de Freiria (Cascais)», *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 20, 2013, 525-588.

ENCARNANÇA, José d', *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis* (= IRCP), Coimbra, 1984: <http://hdl.handle.net/10316/578>

ENCARNANÇA (José d'), Recensão ao livro de Luís Alberto LÓPEZ PALOMO, Janine LANCHÁ e André DAVIAULT, *Un mosaico con inscripciones - Puente Genil (Córdoba)*, Madrid, 1987: *Conimbriga* 29 1990 167-169.

HEpOL = versão *on line* de *Hispania Epigraphica*, revista da Universidade Complutense de Madrid, acessível em <http://eda-bea.es/>

PINTO (Inês Vaz), *A Cerâmica Comum das Villae Romanas de São Cucufate (Beja)*, Lisboa: Universidade Lusíada Editora, 2003.



cascais.pt